

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 4
2009

ÍNDICE

| | |
|---|-------|
| Editorial | 3-6 |
| Dossiê – Futurismo, 1909-2009 | 7-152 |
| Mariastella Margozzi, <i>Futurismo avanguardia italiana</i> | 9 |
| José Manuel de Vasconcelos, <i>Antitradição e maravilhoso na poética do Futurismo italiano</i> | 19 |
| Pedro Sargento, <i>Regeneração e degeneração: o contínuo Futurismo</i> | 29 |
| Carlo Serafini, <i>O teatro futurista</i> | 47 |
| Rita Marnoto, <i>Futurismo e Futurismos em Portugal</i> | 61 |
| Jerónimo Pizarro, <i>Pessoa e “Monsieur” Marinetti</i> | 77 |
| Manuel G. Simões, <i>Os mitos futuristas e a “Ode triunfal” de Álvaro de Campos</i> | 89 |
| Gianluca Miraglia, <i>“Ser italiano quer dizer dominar todas as raças”: Marinetti em Lisboa</i> | 99 |
| Paula Cristina Costa, <i>Futurismo, futurismos: de A confissão de Lúcio a Nome de guerra</i> | 113 |
| Fernando J.B. Martinho, <i>Para um estudo da posteridade do Futurismo na poesia portuguesa contemporânea</i> | 129 |
| ARTIGOS | |
| Giona Tuccini, <i>L'uomo come esistenza che parla. L'orientamento morale e il sentimento religioso di Giovanni da Empoli</i> | 155 |
| Paulo Lopes, <i>Um olhar português sobre a Roma de Quinhentos</i> | 169 |
| Sílvio Castro, <i>Leopardi e Fernando Pessoa: projeto e anteprojetado “livro único” no Zibaldone e no Livro do desassossego</i> | 183 |

TEMAS E DEBATES

| | |
|---|-----|
| Ernesto Rodrigues, <i>Imaginação e Literatura</i> | 209 |
| Aa.vv., <i>Para um dicionário de tradutores</i> | 223 |

OBRA ABERTA

| | |
|----------------------------------|-----|
| Ernesto Rodrigues, <i>Branco</i> | 245 |
|----------------------------------|-----|

RECENSÕES

| | |
|--|-----|
| Eça de Queirós, <i>La Corrispondenza di Fradique Mendes. Memorie e note</i> , a cura di Roberto Vecchi e Vincenzo Russo (Manuel G. Simões) | 261 |
| <i>Traduzioni, imitazioni, scambi tra Italia e Portogallo nei secoli</i> , a cura di Monica Lupetti (Isabel Almeida) | 263 |
| Maria Bochicchio, <i>O paradigma do pudor</i> (Arnaldo Saraiva) | 268 |
| <i>Futurismo 1909-2009 Velocità + Arte + Azione</i> , a cura di Didier Ottinger; <i>Futurismo 1909-2009 Velocità + Arte + Azione</i> , a cura di Giovanni Lista e Ada Masoero (Rita Marnoto) | 271 |
| Giusi Baldissoni, <i>Filippo Tommaso Marinetti</i> (Rita Marnoto) | 275 |
| V. de Saint-Point, <i>Manifesto da mulher futurista. Manifesto futurista da luxúria</i> , trad. de Célia Henriques (Clelia Bettini) | 277 |
| Angelo D'Orsi, <i>Il Futurismo tra cultura e politica. Reazione o rivoluzione? Con antologia di testi</i> (Roberto Gigliucci) | 281 |

ACTUALIDADE

| | |
|--|-----|
| Editou-se... (Paola D'Agostino) | 285 |
| <i>Zum-pim-zim!</i> Un banchetto aerofuturista (Clelia Bettini) | 293 |
| Quinto Encontro de Italianística. <i>Os Palermas de Coimbra</i> (Rita Marnoto) | 299 |
| <i>Nel mezzo del cammin</i> . Jornada de Estudos Italianos em Honra de Giuseppe Mea (Rita Marnoto) | 301 |
| Attività dell'Istituto Italiano di Cultura di Lisbona Il debito della lusitanistica italiana verso il Prof. Giuseppe Carlo Rossi (Maria Luisa Cusati) | 303 |
| Un altare dello scultore genovese Pasquale Boccardo per il Seminario Maggiore di Coimbra (Fausta Franchini Guelfi) | 315 |
| Luciana Stegagno Picchio <i>in memoriam</i> (Maria João Almeida / Giona Tucini) | 329 |
| Carmen Radulet <i>in memoriam</i> (Manuel Simões) | 333 |

È CON PARTICOLARE SODDISFAZIONE che, a poche settimane dal mio arrivo a Lisbona, presento l'ultimo numero di *Estudos Italianos em Portugal*. Si tratta del quarto numero della nuova serie nata nel 2005, e da allora puntualmente edita con scadenza annuale, con la finalità di rinverdire una tradizione prestigiosa e dare continuità alla lunga vicenda novecentesca della rivista dell'Istituto Italiano di Cultura che ha svolto, in passato, un ruolo fondamentale nello scambio culturale fra Italia e Portogallo, rappresentando un opportuno punto di incontro per i lusitanisti italiani e gli italianisti portoghesi e contribuendo a una conoscenza più approfondita delle due culture. Le sezioni, "Artigos" e "Temas e debates", offrono vari saggi su argomenti che spaziano dal Cinquecento alla contemporaneità, mentre la rubrica dedicata alle recensioni consente al lettore di aggiornarsi, in maniera critica, sulle pubblicazioni più recenti che riguardano i rapporti culturali fra i due paesi. In chiusura di volume, la sezione "Actualidade" informa sulle attività promosse dall'Istituto e sugli eventi svoltisi presso le università portoghesi negli ultimi dodici mesi, un periodo purtroppo rattristato dalla scomparsa di due figure maggiori della lusitanistica, le professoresse Luciana Stegagno Picchio e Carmen Radulet, che più volte avevano collaborato alla rivista. Il dossier monografico, che caratterizza ogni numero, è questa volta dedicato al futurismo: un secolo fa, nel febbraio del 1909, usciva sulle pagine del giornale parigino *Le Figaro* il Manifesto firmato da Filippo Tommaso Marinetti.

Colgo l'occasione per segnalare che l'Istituto Italiano, nell'ambito delle celebrazioni per il centenario del movimento dell'avanguardia artistica, organizza una mostra dal titolo Collezionare il futurismo, presso il Museu da Água – Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos, che potrà essere visitata dal 16 dicembre 2009 al 31 gennaio 2010.

Desidero, infine, esprimere la mia gratitudine a tutti i collaboratori e alla Prof.ssa Rita Marnoto che, con l'abituale dedizione e riconosciuta competenza, ha curato il coordinamento editoriale.

LIDIA RAMOGIDA

Addetto Culturale dell'Ambasciata d'Italia
e Direttore dell'Istituto Italiano di Cultura di Lisbona

É COM PARTICULAR SATISFAÇÃO que, poucas semanas depois de ter chegado a Lisboa, apresento o mais recente número de Estudos Italianos em Portugal. Trata-se do quarto número da nova série, iniciada em 2005, e que desde então tem vindo a sair regularmente, todos os anos, no objectivo de fortalecer uma tradição de prestígio e de dar continuidade ao longo percurso, iniciado no século XX, da revista do Instituto Italiano de Cultura, a qual desenvolveu, no passado, um papel de fundo, no intercâmbio cultural entre a Itália e Portugal, representando um adequado ponto de encontro para os lusitanistas italianos e os italianistas portugueses, ao mesmo tempo que contribui para um conhecimento mais aprofundado das duas culturas. As secções, “Artigos” e “Temas e debates”, propõem vários ensaios sobre temas que vão desde o século XVI à contemporaneidade, ao passo que a rubrica de recensões permite ao leitor uma actualização, em moldes críticos, acerca das publicações mais recentemente dedicadas às relações culturais entre os dois países. A fechar o volume, a secção “Actualidade” fornece informação sobre as actividades organizadas pelo Instituto e sobre os eventos que ocorreram nas Universidades portuguesas durante os últimos doze meses, um período infelizmente ensombrado pelo desaparecimento de duas grandes figuras da lusitanística, as Professoras Luciana Stegagno Picchio e Carmen Radulet, que em diversas ocasiões colaboraram na revista. O dossiê monográfico, que acompanha os vários números, é desta feita dedicado ao Futurismo: há um

século, em Fevereiro de 1909, saía, nas páginas do jornal parisiense Le Figaro, o Manifesto assinado por Filippo Tommaso Marinetti. Aproveito esta ocasião para assinalar que o Instituto Italiano, no âmbito das celebrações do centenário desse movimento artístico de vanguarda, organiza uma exposição sob título, Collezionare il futurismo, no Museu da Água – Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos, que poderá ser visitada de 16 de Dezembro de 2009 a 31 de Janeiro de 2010.

Gostaria também de apresentar os meus agradecimentos a todos os colaboradores e à Professora Rita Marnoto que, com a habitual dedicação e reconhecida competência, fez a coordenação editorial.

LIDIA RAMOGIDA

Adido Cultural da Embaixada de Itália
e Director do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa

RECENSÕES

dá sobejas provas das suas capacidades de filóloga e de investigadora, que tentou juntar e explicar todos os materiais pré-textuais e para-textuais (“autógrafos, ideógrafos, provas de impressão”, “diários, correspondência, biografias, etc.”), não desprezando nenhum “testemunho”, exibindo até 23 facsímiles de inéditos, e detendo-se depois na análise minuciosa das variantes.

O escrúpulo da estudiosa que andou por espólios, bibliotecas, entrevistas, e que valorizou rascunhos, borrões, provas, fragmentos, vê-se também nas anotações minuciosas e no esforço para apresentar e sinalizar o texto regiano e as suas variantes com a máxima clareza, num bonito modelo e aparato gráfico que definiu por certo em diálogo com os responsáveis das Edições Quasi.

No final, não será difícil ao leitor acompanhar as conclusões de Maria Bochicchio sobre a “psicologia da composição” de Régio, sobre a tipologia das suas variantes, sobre as suas opções estético-literárias. Mas também não será difícil ao leitor reconhecer os muitos méritos desta nova lusófila italiana. Régio confessou um dia “a um jovem poeta”: ”Já te

dei tudo quanto posso”. Maria Bochicchio despendeu neste seu fecundo e modelar trabalho muita energia investigadora e analítica; por ele intuímos que ela tem ainda muito e muito valioso a dar não só a Régio mas também à poesia, à cultura e à língua portuguesa que tanto ama – e que desde já lhe deve estar reconhecida. ARNALDO SARAIVA

Futurismo Avanguardia Avanguardie, a cura di Didier Ottinger, Parigi, Centre Georges Pompidou, Milano, 5 Continents Éditions, 2009, 359 pp.

Futurismo 1909-2009 Velocità + Arte + Azione, a cura di Giovanni Lista e Ada Masoero, Milano, Skira, 2009, 451 pp. + CD

Se o lastro e a memória de uma exposição perduram através das páginas do seu catálogo, boa parte da mais recente história crítica sobre o Futurismo, nas suas valências europeias e internacionais, está ligada à concepção de uma célebre mostra, que remonta a 1986, e cujo catálogo constitui uma referência para os estudiosos da matéria. Refiro-me a *Futurismo e Futurismi. Catalogo della mostra, Venezia, Palazzo Grassi*

(a cura di Pontus Hulten, Milano, Bompiani, 1986, 1992). Note-se que o Futurismo, enquanto primeira grande vanguarda que cruzou domínios artísticos diversificados, fazendo da escrita um espectáculo onde a visualidade ocupa um lugar primordial, está intrinsecamente vocacionado para a *exposição*. Não surpreende, pois, que, no ano do centenário do *Manifesto de fundação do Futurismo*, a conjugação de mostra e catálogo seja uma dupla privilegiada pelas entidades que se propõem celebrar o evento, projectando-o para além da mera efeméride.

Os dois catálogos que aqui se assinalam acompanham duas grandes exposições sobre o Futurismo.

A primeira, de Roma, é produto da colaboração entre as Scuderie del Quirinale, o Centre Georges Pompidou de Paris e a Tate Modern de Londres. Parte de uma ideia-base, o primordial papel desempenhado pelo Futurismo no quadro das vanguardas de início de século, a qual é depois declinada, de modo específico, por cada uma dessas instituições, onde a mostra é sucessivamente acolhida, em Paris, em Roma e em Londres. Ao ser

montada, em cada uma destas cidades, é alvo de adaptações de perspectiva específicas, numa dimensão internacionalista.

Nas páginas iniciais do catálogo, a primeira imagem marcante é o panfleto que anuncia a exposição dos pintores futuristas apresentada na galeria Bernheim-Jeune, de Paris, no ano de 1912. As suas telas logo se distinguem pelo modo como decompõem estratos e formas, sem que inscrevam uma instância analítica, mas antes jogando com o dinamismo de planos e linhas, pelo que se distanciam dos trilhos do cubismo. A partir daí, são ilustradas as várias modalidades expressivas que vão tomando forma no seio do movimento, bem como o percurso que, do Futurismo italiano, leva ao cubo-futurismo russo, ao vorticismo inglês ou ao sincrismo americano.

A segunda mostra, a de Milão, foi organizada pela Autarquia desta cidade e está patente no Palazzo Reale. Visa documentar os vários aspectos do programa futurista, considerando Milão como o seu berço. Acompanha as várias facetas do seu desenvolvimento histórico, evidenciando o propósito de renovar radical-

mente toda a vida quotidiana, numa dimensão que se aproxima da utopia. Ao contrário da exposição de Roma, que concentra obras de pintura e escultura, a de Milão inclui também desenhos, tábuas de palavras-livres, projectos e esboços arquitectónicos, cenografias, desenhos e guarda-roupa de cena, fotografias e objectos vários.

Ambos os catálogos, na sua estrutura, cruzam uma dimensão sintagmática com uma dimensão paradigmática.

Futurismo Avanguardia Avanguardie inclui uma secção de textos críticos, à qual se segue uma compilação das obras expostas nas várias mostras, com reprodução ilustrada e nota explicativa para cada uma delas. Termina com um aparato formado por uma cronologia do Futurismo, uma lista das obras em exposição e uma bibliografia. Os textos críticos são de autoria de Didier Ottinger, Giovanni Lista, que tem uma intervenção de destaque nos dois catálogos, Ester Cohen, Jean-Marie Marcadé e Matthew Gale.

Um dos temas tratados por Giovanni Lista diz respeito à génese do *Manifesto de fundação do Futurismo*, que é dilucidada atra-

vés de novos contributos. Apesar de a génese do manifesto andar associada, no entender deste crítico, ao desastre de automóvel que Marinetti teve em Outubro de 1908, o líder do Futurismo teria achado mais oportuno proteger a sua divulgação para o início de 1909. Publica-o, no entanto, em versão integral, como texto de abertura de dois livros editados em 1908: *Le ranocchie turchine* de Cavacchioli e a antologia *Enquête internationale sur le vers libre*. Além disso, manda imprimir milhares de folhas volantes com os pontos programáticos do manifesto, impressos a azul, com uma tiragem em italiano e outra em francês. Prepara, entretanto, a publicação do *Manifesto de fundação do Futurismo* no número da revista *Poesia* de Dezembro de 1908-Janeiro 1909. Acabará por não sair. O terramoto que a 28 de Dezembro abala Messina choca a Itália, e nas páginas que estavam reservadas à sua edição sai um poema de Lucini dedicado às vítimas da catástrofe. Mas a partir do momento em que os manifestos começam a ser distribuídos, no final de Janeiro, logo é referido e publicado, integral ou parcialmente, em vários jor-

nais italianos, embora Giovanni Lista ponha em destaque a edição integral que dele é feita por *La Gazzetta d'Emilia*, de Bolonha, a 5 de Fevereiro. Se a edição de *Le Figaro*, a 20 de Fevereiro de 1909, foi a que deu ressonância internacional ao *Manifesto de fundação do Futurismo*, não foi essa, em rigor, a primeira.

O catálogo *Futurismo 1909-2009 Velocità + Arte + Azione*, por sua vez, divide-se em várias secções constituídas por um texto crítico e por ilustrações que lhe são correlatas. Os textos são de autoria de Giovanni Lista, Ada Masoero, Maurizio Calvesi, Fred Licht, Daniele Lombardi e Valerio Terraroli. Desenvolvem núcleos temáticos da exposição, assim recobrando domínios artísticos que vão da pintura à escultura, à literatura, ao cinema, à fotografia, à arte dos rumores, à arquitectura, ao teatro e às artes decorativas. É acompanhado de um CD.

Na intervenção que dedica à arquitectura, Giovanni Lista, autor de grande parte dos textos, põe em evidência o carácter unitário da poética futurista, através de um percurso evolutivo que vai até Sant'Elia, Virgilio Marchi,

Alberto Sartoris, Filia, Quirino De Giorgio, etc., e que tem a particularidade de correlacionar arquitectura, literatura, pintura, escultura. Já na recolha de poemas que Marinetti publica em 1908, *La ville charmelle*, fica patente o seu distanciamento do olhar decadente sobre a cidade, em prol do novo ritmo marcado pela velocidade do automóvel e pela energia das multidões. A partir daí, a arte identifica-se não só com o processo de industrialização, como também com as grandes massas e os grandes volumes de betão. Boccioni trata o tema nas suas telas, nomeadamente em *La città che sale*, mas é no *Manifesto técnico da escultura futurista* que fundamenta uma escultura com base arquitectónica. Centra a funcionalidade da arquitectura num dinamismo plástico que encontra na espiral o seu arquétipo, recusando os modelos geométricos do passado, ideias que retomarão em *A arquitectura futurista*. É então que irrompe a polémica com Balla, a qual acaba por abrir espaço para o ingresso de um grupo de jovens arquitectos, de entre os quais se distingue Sant'Elia. O autor do *Manifesto da arquitectura futurista*, de 1914,

é um arquitecto por formação. Conhece bem a construção, sabendo, como tal, que nesse capítulo não é possível fazer tábua rasa das lições tiradas do passado. No entanto, advoga a total libertação dos estilos históricos em voga. Por essa via, procede a uma inversão de rota, na medida em que não se propõe partir da tecnologia para renovar a arquitectura, mas conceber formas arquitectónicas a partir da tecnologia, conferindo à arquitectura a função.

Estamos, pois, perante dois catálogos que, pela clareza organizativa, pela qualidade da reprodução das ilustrações, pelo teor dos textos publicados, os quais, sem deixarem de ser acessíveis, desbravam novos domínios críticos, são apostas de fundo. Deve, porém, ser salientado que, apesar de essa expansão de campo poder traduzir o alargamento do público que se interessa pela arte de vanguarda, assim correspondendo ao *desideratum* de Marinetti, é a hegemonia mediática que a comanda.

Em vão poderão ser procuradas referências, nas páginas dos catálogos, a um Amadeu de Sousa Cardoso ou a um Almada Ne-

greiros, o que mostra a posição periférica que é reservada à vanguarda portuguesa. RITA MAR-
NOTO

Giusi Baldissone, *Filippo Tommaso Marinetti*, Milano, Mursia, 2009, 297 pp.

Convirá assinalar, à partida, que a monografia de Giusi Baldissone não se integra naquela categoria de obras que surpreende o público pela apresentação de uma tese bizarra ou inaudita. Na verdade, a história editorial de *Filippo Tommaso Marinetti* estende-se ao longo de duas décadas. Saiu pela primeira vez em 1986, foi reimpressa, e a edição de 2009 é revista e actualizada. Quer isto dizer que se trata de um volume que leva a chancela do tempo, na medida em que nele confluem experiências de organização cultural, pesquisas documentais e aprofundamentos críticos que foram sendo joeirados, ampliados e maturados ao longo dos anos. Recorde-se que Giusi Baldissone colaborou na grande exposição que no presente ano foi dedicada ao líder do Futurismo italiano pela Fondazione Stelline, de Milão.

A estrutura da obra tem na sua base um esquema que entrecruza: os itens canónicos da apresentação monográfica (enquadramento crítico, correntes, protagonistas, etc.); o andamento evolutivo do percurso intelectual de Filippo Tommaso Marinetti; e o estudo das várias tipologias de escrita que cultivou, entre textos teóricos e literários, da poesia à narrativa e ao teatro. Conta com sete capítulos, precedidos por uma introdução e rematados por uma conclusão.

As celebrações do Futurismo, em Itália, têm vindo a ser acompanhadas por comentários difusos, da mais diversa ordem e do mais diverso timbre, acerca das posições políticas assumidas pelos seus membros, acerca das várias dinâmicas de grupo geradas no seu seio ou acerca da importância relativa das várias modalidades de expressão artística utilizadas. Também neste ponto uma monografia *clássica* pode valer.

Giusi Baldissonne leva a cabo, como ela própria o assume, uma pesquisa prevalentemente baseada em documentos e em textos literários, sem descurar um enquadramento artístico que se estende da pintura ao cinema. Através desse fio metodológico, vai ex-

plorando a circulação de ideias literárias que corre pela Europa, ao mesmo tempo que dilucida as críticas que a obra de Marinetti logo mereceu, e que acompanha as dissensões que levaram vários dos membros do Futurismo a afastarem-se do movimento.

O capítulo dedicado ao Marinetti pré-futurista exemplifica bem o horizonte internacional do Futurismo, já antes do célebre manifesto de 1909, no seu vínculo entre a França e a Itália. Giusi Baldissonne faz o elenco das revistas onde colaborou (nomeadamente a *Anthologie Revue de France et d'Italie*, publicada simultaneamente em Paris e em Milão, e da qual foi secretário para a Itália) e das personalidades relevantes da cultura e da literatura com quem conviveu por esses anos, pondo em destaque a influência de Émile Verhaeren sobre a sua poesia. As observações críticas já feitas por Marcel Raymond são assim completadas pela análise de temas de poesia comuns ao Simbolismo e ao Futurismo, sobre um pano de fundo onde desfilam os tantos autores que fazem parte da bagagem do jovem educado em Alexandria do Egito, num colégio de Jesuí-

tas: Loti, Flaubert, Tailhade, Verlaine, Mallarmé, Schwob, Rimbaud, Gide, Merrill, Kahn, Klingensor; e também, pelo lado italiano, Butti, Quaglino, Pica, Lucini, D'Annunzio. Mas são igualmente exploradas outras ligações, como é o caso de Dante, cuja memória subjaz a várias formulações que têm a ver com uma ideia-chave do Futurismo, o alcance das estrelas. Inspira *La conquête des étoiles*, de 1902, percorre o *Manifesto de fundação* e subjaz ao sucessivo *Uccidiamo il chiaro di luna*, do mesmo ano de 1909. Assim se compreende como o que há de decadentista e de simbolista no primeiro Marinetti se projecta através de uma vontade de superação que em si contém os gérmenes do Futurismo.

As dezoito páginas finais, onde é coligida uma bibliografia seleccionada, constituem um guia muito útil, em particular para o leitor estrangeiro, quanto a recollhas bibliográficas sobre o Futurismo; à obra de Marinetti; a antologias e compilações de manifestos; à biografia de Marinetti; a estudos críticos; e teatro. Pelo que diz respeito a este último ponto, a autora da monografia acompanha e desenvolve um tema

que tem vindo a merecer, ultimamente, particular destaque, ou seja, o modo como a teatralidade recobre os mais variados aspectos da actuação futurista, de forma a converter essa vertente espectacular em instrumento fundamental daquela ambição de atrair um vasto público, tão característica dos movimentos de vanguarda.
RITA MARNOTO

V. de Saint-Point, *Manifesto da mulher futurista. Manifesto futurista da luxúria*, trad. de Célia Henriques, Lisboa, & etc, 2009, pp. 75

Entre as dezenas de livros da mais variada ordem – nem todos úteis – que cada mês surgem nas estantes das livrarias portuguesas, encontrámos em Maio um que é quadrado mas, ao mesmo tempo, não o é, respeitando a marca da sua editora, a *& etc* de Vítor Silva Tavares, e que leva o duplo título de *Manifesto da mulher futurista* e *Manifesto da Luxúria*, por Valentine de Saint-Point. Referimos o pormenor da forma do livro não só por ser, como dissemos, um traço inimitável desta pequena-grande editora lisboeta, mas porque a história dessa esco-